

Notas Bibliográficas

LOHSE, Eduard: *Vater unser*. das Gebet der Christen. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2009. 155 p., 22 X 14 cm. ISBN 978-3-534-21619-2.

O A. é professor emérito de Novo Testamento da Universidade de Göttingen. Foi bispo da Igreja Luterana de Hannover, presidente da União Mundial da Sociedade Bíblica e presidente do Conselho da Igreja Evangélica da Alemanha.

A obra é dividida em três partes. Na primeira, o A. apresenta a história da formação do pai-nosso em suas duas versões (a de Mateus e a de Lucas). Propõe também o que provavelmente teria sido a sua formulação original (em aramaico), situando essa oração dentro das orações da tradição do judaísmo do tempo de Jesus (entre elas, as “Dezoito Bênçãos”).

Na segunda parte da obra, o A. aborda cada um dos sete pedidos que formam o pai-nosso, dando atenção, inicialmente, ao fato de que Jesus chama a Deus de “Pai”. Na conclusão desta parte, o A. situa a formulação mais própria da tradição das Igrejas oriundas da Reforma, as quais concluem o pai-nosso com uma doxologia (“pois teu é o Reino, o Poder e a Glória para sempre”), discutindo a origem dessa fórmula conclusiva e seu sentido.

Na terceira e última parte, o A. trata do valor perene da oração do pai-nosso, analisando o processo em que, já nos inícios do cristianismo, essa passagem do evangelho foi destacada e ganhou “autonomia” como a oração mais própria do cristão

O livro apresenta ainda um capítulo suplementar que aborda a influência do pai-nosso no catecismo dos reformadores e ainda a importância ecumênica dessa oração.

As últimas páginas são dedicadas à bibliografia, a três índices: um para as passagens bíblicas, um temático e outro dos autores citados.

Claudio Paul SJ

COMBLIN, José: *A fé no Evangelho*. São Paulo: Paulus, 2010. 101 pp., 21 X 13,5 cm. Col. Espiritualidade bíblica. ISBN 978-85-349-2634-8.

Esse livro conjuga, em excelente equilíbrio, o dado bíblico, entendido sem a sofisticação exegética, mas dentro da hermenêutica moderna, com criatividade teológica. O A. apresenta seis meditações bíblicas sobre a fé, recorrendo a textos dos sinóticos, de S. João e de S. Paulo, guardando proximidade fiel a eles.

O caráter de meditação dá ao livro duas vantagens. Não os carrega de erudições exegéticas, embora conheça a hermenêutica moderna, nem de conceitos teológicos e permite incursões existenciais, pessoais e atualizadas nos textos bíblicos. O leitor se vê confrontado em sua maneira de viver como cristão fiel ao evangelho.

A figura de Jesus aparece sob diversos ângulos. Logo de início, aparece como profeta a questionar-nos e a pedir-nos fé na sua mensagem, indemonstrável à luz da simples razão. A fé implica aceitação do mistério último e insondável de Deus que aponta para futuro inverificável por nós. Jesus, na sua vida histórica, o anúncio do Reino não se impunham sob o império da evidência. Jesus pedia fé em sinais que ele dava, sujeitos a interpretações até mesmo opostas, como mostram os evangelhos.

Jesus se revela como caminho. Metáfora para traduzir a sabedoria que ele manifestava de maneira simples, humilde, despretensiosa, paradoxal. Acolhedora para com os pecadores, severa para com os arrogantes, simbolizados nos fariseus. Desenvolve pedagogia que privilegia o amor respeito a leis, normas, códigos.

O livro passeia belamente pela epístola aos romanos na temática da fé. Nela reconhece a mensagem paulina por excelência. Por causa da Reforma luterana, os católicos tiveram dificuldade de trabalhá-la, mas hoje já se fez consenso a respeito da autenticidade da descoberta fundamental de Lutero. A gratuidade da salvação ocupa lugar central.

Noutro momento, o A. aprofunda o desígnio, o mistério de Deus, como aparece nas Cartas do Cativo, especialmente na epístola aos Efésios. Em todas essas reflexões, a fé permanece como pano de fundo.

Termina as meditações com São João. Insiste na figura de Jesus como revelador do Pai e na do Espírito como hermeneuta de tal revelação na história.

Vale a pena conferir tal livro. Excelente material para oração pessoal. Une profundidade e atualidade com a dimensão de oração, nutrindo o texto com muitas citações bíblicas. Verdadeira leitura orante da Escritura.

João Batista Libanio SJ

TEIXEIRA, Faustino / MENEZES, Renata (Orgs.): *Catolicismo Plural: Dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009. 212 pp., 23 X 16 cm. ISBN 978-85-326-3882-3.

Esse livro nasce de um seminário organizado pelo ISER Assessoria (abril de 2005) do qual fizeram parte diversos especialistas brasileiros das áreas de ciências sociais, história e teologia. O livro retrata as apresentações dos participantes, resultantes dos escritos preparados e discussões travadas. Coube a F. Teixeira e a R. Menezes a tarefa de preparar a publicação e de brindar-nos com excelente introdução. Esta já abre o apetite do leitor para ir ao encontro do seu interesse específico. A temática se espalha por diversos campos de saber. Predomina o tom analítico com os instrumentais próprios da especialidade de cada autor/a.

A pluralidade de viver o catolicismo salta aos olhos. Numa mesma celebração, sentam-se nos mesmos bancos pessoas cujas visões da fé católica variam enormemente. E se sairmos das igrejas, aí encontraremos outras maneiras de viver o catolicismo. Tal fenômeno tem atraído a atenção de estudiosos. Esse livro vem ao encontro de tal interesse.

Os dados estatísticos estão aí para mostrar a mudança significativa da posição da Igreja católica, antes maioria esmagadora para a faixa dos 73,57 (Censo de 2000). O pluralismo externo à Igreja católica cresce enormemente e também no seu interior. É fácil ser católico (A. F. Pierucci), daí sê-lo de muitos modos: santoral com sua concepção de santidade e de devoção, e oficial (R. Menezes), reafiliado, midiático (F. Teixeira), de comunidade eclesial de base (I. Lesbaupin), tocado por movimentos de reavivamentos, como o caso da Toca de Assis (C. Mariz-P. V. Leite Lopes), sincrético, poroso, milenarista e messiânico (R. Campos). Acontece fácil trânsito entre as confissões (A. Rumstain-R. de Almeida), sem falar de duas ou mais pertenças.

Esse caleidoscópico florilégio do catolicismo brasileiro, a cujos títulos apenas acenei, se complementa com reflexões teóricas sobre a atual cultura brasileira, vista como delimitação essencial e clara de fronteiras numa unidade identitária em face da alteridade ou como articuladora dialética de temporalidades diversas e de espaços definidos (C. Steil). A conjuntura internacional católica defronta-se com o fenômeno das outras tradições religiosas nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI (F. Teixeira). E apontam-se as perspectivas antropológicas do Catolicismo, não restrito à Igreja católica, mas enquanto uma estrutura, princípio regulador que escapa à concepção puramente racional e sim expresso em fórmulas dinâmicas, significativas, cambiantes. Tal princípio se caracteriza por uma sacramentalidade institucional (P. Sanchis). Fecham o livro breves palavras sábias de quem pensou alto sobre o conjunto das pesquisas (O. Velho).

A aparente homogeneidade da Igreja católica, que se define por um credo, leis canônicas, práticas litúrgicas, pastorais organizadas, movimentos de apostolado e espiritualidade, ordens religiosas e outros elementos institucionais, surge da leitura muito mais plural, fragmentada de um lado e porosa de outro. Vale a pena conferir tal leitura.

João Batista Libanio SJ

BURÓN OREJAS, Javier: *Psicología y conciencia moral*. Santander: Sal Terrae, 2010. 287 pp., 21,5 X 13,5 cm. Col. Proyecto, 113. ISBN 978-84-293-1871-5.

Trata-se de uma obra de grande envergadura uma vez que o Autor trata de retomar de maneira criativa o tema candente da consciência moral na perspectiva da teorias psicológicas. A obra está dividida em três partes. Na primeira o Autor procura aproximar do tema propondo uma análise dos conceitos básicos da consciência moral no confronto com as teorias: freudiana, cognitivistas e conductista de modo que o leitor tem acesso à linguagem específica da psicologia e da moral a respeito do conteúdo da consciência. Em seguida procura repropor o tema da consciência moral enfatizando especificamente sobre a questão de sua formação e dos passos de seu desenvolvimento a partir do confronto com as teorias psicológicas de Piaget e Kohlberg. Somente depois desse passo debruça-se sobre o problema de difícil acesso como o da culpa e da culpabilidade da consciência, sempre tendo em conta a perspectiva psicológico-ético-moral.

A segunda parte da obra se debruça sobre temas atuais da relação entre consciência social e consciência moral; da questão delicada da consciência frente à decisão da autoridade no contexto de rechaço da heteronomia.

A terceira parte sobressai se comparada às anteriores porque aborda largamente a relação entre consciência moral e perdão. Nesse sentido, a novidade da obra encontra-se desenvolvida nesta parte em que o tema da consciência moral é abordada desde o ponto de vista do perdão de si, do perdão do outro e do perdão social no contexto jurídico e político das sociedades contemporâneas.

Em suma, a obra aparece no cenário da produção da literatura ético-moral em que se faz notar novos desafios para a compreensão da questão da consciência moral no contexto da complexidade da relação entre a estrutura do sujeito e da vida social no que tange à experiência da consciência moral.

Nilo Ribeiro Júnior SJ